

ESPOZENDE, 15

DE MARÇO DE 1888

## Cancioneiro Minhoto

Canções populares d'Espozende

(Continuado do n.º 12 do 3.º anno)

201

Quando eu era rapaz  
que jogava o meu pião,  
pediam-m'as moças todas:  
bota-m'o aqui na mão,

202

Namorei uma casada,  
pois pensei logo assim:  
—mulher falsa ao marido  
não me é fiel a mim...

203

Fui-me deitar a dormir,  
das estrellas fiz encôsto:  
abraçei-me a uma d'ellas,  
julgando ser o teu rosto...

204

O' Senhora dos Remedios,  
que daes aos vossos romeiros?  
dou-lhe agua da minha fonte,  
sombra dos meus castanheiros.

205

Se fores ao mar pescar  
leva redes de arminho,  
pesea lá pelo mar dentro  
que eu serei o teu peixinho.

206

Quem quizer que eu cante bem  
dê-me pinguinhas de vinho;  
que o vinho é cousa santa,  
faz o cantar miudinho.

207

Que serve chorar agora  
Se já remedio não tem?  
se o chorar fosse remedio  
choraria eu mais que ninguem!

208

O' Senhora dos Remedios,  
vinde ver a vossa gente:  
Senhora, dae-lhe remedio,  
qu'ella toda vem doente.

209

Eu hei-d'ir, hei-d'ir,  
não mandando ninguem,  
quem a recados manda,  
recados sempre lhe vêm.

110

Não há coisa que mais custe  
que aturar uma mulher,  
sempre com venta caída,  
ninguem sabe o qu'ella quer.

111

O meu amor me pediu  
dos meus olhos as neeninas,  
eu não sei p'ra qu'elle quer  
coisinhas tão pequeninas.

212

Foi ao jardim passeiar  
 espalhar a minha dôr,  
 encontrei o teu retrato  
 ao pé da mais linda flôr.

213

O fandango d'uma velha  
 fez-me dôer a barriga,  
 já não quero mais fandango  
 senão d'uma rapariga.

214

S'eu soubera que tú vinhas,  
 Antoninho, ao serão,  
 mandava *barrer* as ruas  
 c'um ganinho de serpão.

215

S'eu soubera que tú vinhas,  
 Josézinho brasileiro,  
 mandava *barrer* as ruas  
 c'um ganinho de loureiro.

216

Esta rua tem pedrinhas,  
 hei-de-lh'as mandar tirar  
 com biquinhos d'alfinetes,  
 p'rô meu amor pa' seiar.

217

Esta rua tem pedrinhas,  
 esta rua pedras tem,  
 hei-de-lh'as mandar tirar  
 p'ra passeiar o meu bem.

218

Não ha pão como o pão branco,  
 nem carne como o carneiro,  
 nem peixe como a pescada,  
 nem amor como o praxeiro.

219

Tú não te esquegas nemina,  
 das palayras que te dei;  
*foste* os primeiros olhos  
 que n'esta villa encontrei.

220

O meu amor pediu-me hontem  
 que por elle não chorasse,  
 que lhe estava dando pennas,  
 que o não mortificasse.

221

Eu queria cantar alto,

mas a vôz já não m'ajuda;  
 vou esfregar a garganta  
 com um raminho d'arruda.  
 (Continúa)

J. DAS. VIEIRA.

TRADIÇÕES POPULARES DE  
 BARCELLOS

III

COSTUMES POPULARES

XVIII

1) Quando alguém morre, déves-se logo tirar da cama para o chão; porque em quanto o fizerem não o defunto está a penar.

Quando se vai enterrar o defunto no fim á uma boda,

No Alentejo, á um costume popular que o ex.<sup>mo</sup> sr. Manoel Alves de Souza, de Castello Branco publicou em 1861; e que por ter relação com este, e eu o achar curioso, o transcrevo com a devida venia para aqui:

«*Sala Ardente*.—Em algumas aldeias das proximidades de Castello Branco é de uso e costume, apenas morre alguém, irem todas as pessoas da terra dependurar na parte interior, e até na exterior, da casa do finado, uma candeia accêsa. Ainda não pude saber qual o pensamento que preside a este acto.

A casa assim illuminada torna-se á noite esplendida e brilho, e até serviria de pharol para o viandante que o acaso conduzisse em tempestuosa noite áquelle imper-vios e pedregosos montes; mas pharol de um mister bem differen-

te dos que servem de miras e báixeis que sulcão as ondas do mar. Estes guião o homem para o porto de salvação, em quanto aquelles só o conduzirão á presença da morte.»

No Porto dizem que quando vai um defunto p'ra cova, não levando luzes vai ás escuras p'ró Purgatorio.

XIX

m) No dia de S. Pedro de Rates, se um lavrador tiver uma vacca para parir, sem o bezerro nascer não deve cortar cousa alguma com ferro cortante; porque se corta, o bezerro nasce torto ou aleijado.

XX

n) Bebendo duas pessoas agua ao mesmo tempo, uma morre, e a outra fica cega. (D)

XXI

o) Nunca se deve beber vinho ou agua com uma luz acesa na mão, porque se não, bebe-se o juizo. (E)

(D) Bebendo uma pessoa agua, e outra, beber-lhe o resto, bebe-lhe a graça (Porto); sabe-lhe os segredos (Braga).

(E) Vid. *Revista do Minho* pag. 37, col. 2.ª linha 27.

XXII

p) Quando se vir algum *lobishomem* andar a correr fado deve-se-lhe meter a roupa dentro d'um forno a arder e fechar bem as portas. Assim que isto se fizer o *lobishomem* bem logo a correr bater á porta mas não se lhe abre sem a roupa estar queimada.

E' este o unico meio de quebrar o fado a esses medonhos lobishomens. (F)

«O lobishomem é um condemnado a penar em fôrma de corpo-leuto e felpudo lolo, ou onagro, e que anda cumprindo este máu fado, por malefícios de feitiços, ou em castigo de promessas não cumpridas. E' fugir d'elle, que morde-rá a quem quer que encontre, e que ficará também penando, se lhe tocou a baba. Póde quebrar-se o fado, ferindo-se o lobishomem levemente com ferro agudo, de sorte que veja algum sangue. Mas cuidado! porque o toque da mais leve pinga passará o fado para o agressor. Só a mulher pode com um alfinete ferir o culpavelmente... Mas quem se arrojára a tanto!...» (A. R.— Prejuizos no Minho.—in M. de Lem., 1891, 76).

No Porto, um pre. que tenha 7 filhos, o mais velho, tem de ser padrinho do 7.º, porque se não, assim que fôr grande tem de correr fado n'um lobishomem.

(F) Sobre esta tradição vid. *Trad. Pop. de Portugal*, por J. Leite de Vasconcelos, Porto—1882.

XXIII

q) E' muito bom quando se tem  
uma impigem talha-la em jejum  
da seguinte forma:

*«impija je, rapije,  
saite d'ahi, assim como  
eu hoje comi e bebi,  
assim tu medres d'ahi.»*

No Almanach de Lembranças de  
1851 vem um artigo intitulado *Su-  
perstições do Minho* escripto por  
uma illustre senhora, folk-lorista,  
que encobre a sua modestia debai-  
xo do pseudonimo de *Obscura Por-  
tuense*, e, como esse artigo trata  
de uma tradiçãõ popular do Mi-  
nho e é do Minho que me occupo,  
julgo conveniente publical-o com a  
devida venia:

«A pessoa que tem uma impi-  
gem talha-a assim: antes de haver  
comido nem bebido, lhe põe sali-  
va dizendo—*impija rabija, assim co-  
mo eu hoje comi e bebi, assim tu não  
saite d'aquí.*—E' um logro que se  
préga á impigem o dizer-lhe que  
fique para que ella saia. A esta in-  
timação, feita por tres dias, e cada  
um d'elles por tres vezes, não ha  
resistir.

As ingnas talhão-se d'este modo:  
olhe o dõente fixamente para uma  
estrella e diga tres vezes: *Estrella,  
a minha ingna diz que seques tu, eu  
digo que seque ella e que luzas tu.»*

1 V

ORAÇÕES POPULARES

Contra a trovoadã

I

S. Jeronimo  
Santa Barbara virgem  
chagas abertas  
coração ferido  
sangue derramado  
de Nosso Senhor Jesus Christo.

II

Pelo ceu vae uma nuvem  
eu não sei que ella leva  
se leva agua, se leva pedras  
encommendo a á Assumpção  
e a quantos anjos hão  
que nos livrè de sarriscos  
é das pedras do trovão.

III

Esta trovoadinha vá  
lá prò monte maninho  
olhe não haja pão nem vinho  
nem batido de menino.

C. A. Landolt.

